
Entre aqui e atrás. A comunicação na experiência migratória de três guineenses

Between here and back. Communication in the migratory experience of three men from Guinea-Bissau

Teresa Carvalho Costa

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/7653>

DOI: 10.4000/cp.7653

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2010

Paginação: 63-80

ISBN: 1646-1479

ISSN: 16461479

Refêrencia eletrónica

Teresa Carvalho Costa, « Entre aqui e atrás. A comunicação na experiência migratória de três guineenses », *Comunicação Pública* [Online], Vol.5 nº 9 | 2010, posto online no dia 28 maio 2020, consultado o 05 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/7653> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.7653>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Entre aqui e atrás. A comunicação na experiência migratória de três guineenses

Between here and back. Communication in the migratory experience of three men from Guinea-Bissau

Teresa Carvalho Costa

Introdução

- 1 O presente artigo baseia-se numa série de experiências decorrentes de uma pesquisa de terreno¹ que acompanhou, durante sensivelmente um ano, a vida quotidiana de três guineenses migrantes. Os seus trajectos migratórios partilham o facto de terem ido viver para o bairro das Marianas, em Carcavelos, nos primeiros tempos da sua chegada a Portugal. A instalação no bairro ocorreu entre os finais da década de noventa e o princípio da década seguinte. Dois destes sujeitos, Gastão e João, são primos. Embora tenham chegado em diferentes momentos, foram alojados por um familiar comum. Foi no bairro que conhecem N'Duba, o terceiro interlocutor da minha pesquisa.
- 2 Na época em que estes indivíduos foram habitar este bairro, comumente denominado *bairro de barracas*, o local estava a ser gradualmente demolido no âmbito do Programa Especial de Realojamento (P.E.R), que visava a destruição completa deste núcleo habitacional e o realojamento dos seus moradores num bairro social.
- 3 Em 1993 a Câmara Municipal de Cascais levou a cabo um recenseamento dos residentes, mas, dada o atraso na execução do programa, aquando da chegada destes homens ainda habitavam muitas pessoas no bairro. Alguns tinham sido já realojados em diferentes bairros espalhados pelo concelho, outros aguardavam a entrada na nova casa, mas as pessoas que tinham chegado após 1993 não teriam direito ao realojamento.
- 4 Em finais de 2004 este espaço residencial estava parcialmente destruído, mas estes homens, como muitas outras pessoas, ainda habitavam no bairro. É nesta altura que,

por iniciativa de alguns moradores e posteriormente com o apoio de uma associação de defesa dos direitos dos imigrantes, a *Solidariedade Imigrante*, se decide constituir uma comissão de moradores, a qual N'Duba, Gastão e João irão desde logo integrar, de forma a confrontar a Câmara Municipal de Cascais com os procedimentos das demolições e a exclusão de certos residentes. Este movimento realizou várias acções, reivindicando junto da Câmara Municipal o realojamento dos moradores excluídos, resistindo activamente contra a falta de soluções da autarquia, mas obtendo como resultado apenas a inclusão de algumas pessoas no programa, na sua maioria mulheres migrantes com filhos. Este movimento durou até alguns meses após a demolição completa do bairro, em Abril de 2007.

- 5 Foi no contexto deste processo que conheci N'Duba, Gastão e João, quando em finais de 2005 o Bairro das Marianas, juntamente com outros bairros da Área Metropolitana de Lisboa, participava num movimento mais amplo de denúncia pública destes processos de demolição de diversos núcleos habitacionais que excluía inúmeras pessoas do realojamento, evidenciando as carências das políticas públicas em torno das questões da habitação.
- 6 E se decidi investigar o movimento do bairro das Marianas foi pelo facto de a população migrante em questão ser proveniente, na sua maioria, da Guiné-Bissau e ser constituída quase exclusivamente por homens e algumas mulheres que migraram sozinhos. Apesar de a minha aproximação a este terreno ter decorrido na fase final do processo, quando a Comissão estava formada há mais de um ano e a demolição quase concluída, ainda foi possível assistir às reuniões mensais no bairro durante oito meses e participar em algumas acções que se estabeleciam no decurso da própria reunião, pois todo este processo obedecia a tempos e procedimentos institucionais bastante lentos.
- 7 Pretendi inicialmente analisar algumas destas experiências migratórias, que, atravessadas por um processo de exclusão particular, pareciam procurar contornar as desvantagens sociais a que os intervenientes viviam sujeitos através deste envolvimento político específico. O que motiva estes posicionamentos de indivíduos cujo estatuto inúmeras vezes, dadas as precárias condições de vida e mesmo a situação de clandestinidade, os retrai face a certos envolvimento públicos e políticos? Quais os sentidos atribuídos pelos sujeitos a esta experiência?
- 8 Estas questões iniciais multiplicavam-se no decorrer do trabalho de campo, enquanto observava este movimento particular e conhecia mais profundamente os cinco membros da comissão de moradores, em especial N'Duba, Gastão e João. Para além da observação participante, decidi realizar entrevistas a estes três homens em torno das suas histórias de vida. Estas formas de narrativa biográfica viriam a tornar-se instrumentos importantes para perceber a maneira como eles interpretavam os seus percursos e experiências no decurso das suas vidas individuais, marcadas pelo processo de mobilidade física, a migração.
- 9 O tempo da recolha das entrevistas tornou-se um momento privilegiado, pois ao afastar-me dos espaços e tempos de observação da acção da comissão de moradores desenvolvia uma relação mais íntima e próxima com os sujeitos, relação esta que me permitiu aceder a diferentes interacções com outros pares sociais em diáspora. Era conduzida até alguns momentos da sua vida quotidiana, neles introduzida, convidada para fazer parte deles, pluralizando o terreno da minha investigação e complexificando o olhar sobre a realidade que pretendia analisar.

- 10 Este artigo é pois fruto da complexificação dessa realidade que desejava abordar: os sentidos individuais de uma experiência de exclusão no contexto de uma migração recente. Com o decorrer do trabalho de campo foi-se tornando evidente que a própria experiência migratória e os sentidos que esta produz complexificam a interpretação que os sujeitos fazem do desenrolar das suas vidas. As suas percepções são geradas a partir da contextualização e interpretação das suas vidas entre o *aqui e o lá*, pois estes actores sociais desenvolvem e sustentam múltiplas relações que abrangem por vezes mais de dois Estados-nação, transformando as representações que fazem de si e os significados que atribuem à experiência.
- 11 Numa dada altura pensei que poderia problematizar o processo de luta no qual estavam envolvidos, mas que deveria também contextualizar as suas acções e estratégias num conjunto mais amplo de relações sociais de forma a evidenciar as experiências subjectivas destes sujeitos. Este olhar sobre a prática etnográfica é moldado pela perspectiva do transnacionalismo de forma a pensar as experiências migratórias na contemporaneidade. Os sujeitos migrantes, neste caso transmigrantes, agem, tomam decisões, sentem preocupações e desenvolvem identidades dentro de redes sociais que os ligam simultaneamente a uma ou mais sociedades (Basch, Schiller e Blanc-Szanton, 1994, p. 27).
- 12 Durante a pesquisa de terreno pude observar como comunicavam frequentemente com familiares que estavam em Lisboa, na Guiné-Bissau ou em outros lugares tão distintos como a França ou os E.U.A. Conversavam, tratavam de questões familiares, envios de remessas ou combinavam mesmo alguns negócios. Deparava-me com uma comunicação quotidiana que transcorria entre diversos espaços geográficos. Há uma evidente transformação na distância social entre os familiares. Esta proximidade dá-se pelo acesso às novas tecnologias, neste caso o telemóvel, que permitem um envolvimento contínuo na tomada de decisões dentro da esfera familiar.
- 13 A proposta deste artigo é trabalhar o impacto dos *media* e das tecnologias de informação e comunicação na vida quotidiana destes indivíduos. Qual o papel do uso do telemóvel no interior das relações familiares a operar num espaço transnacional? Como é que este fluxo comunicativo transforma as práticas e os discursos sobre a experiência migratória? Para além destas questões analisarei especificamente um momento de consumo televisivo durante uma festa e como este consumo serviu de veículo para sustentar e redefinir um sentido colectivo de comunidade – neste caso, uma comunidade em diáspora. O enfoque sobre a prática etnográfica foi tecido em torno de algumas perspectivas antropológicas sobre a experiência migratória contemporânea.

1. A perspectiva de análise

- 14 No início da década de noventa um grupo de antropólogos sociais americanos propôs o conceito de transnacionalismo para se referir às actividades *multidimensionais* que os imigrantes entretecem através das fronteiras nacionais (Portes, Escobar e Radford, 2010 [2007], p. 72). Esta proposta tem sido moldada pela crítica à linearidade da teoria clássica da assimilação e à sua representação do processo gradual de aculturação e integração dos imigrantes na sociedade de acolhimento.
- 15 Muito embora este paradigma tenha sido criticado, desde os anos setenta, por não conseguir explicar o (res)surgimento da etnicidade e a persistência da desigualdade e

do conflito racial crescente na sociedade americana, ele influencia a pesquisa sociológica que permanece muito centrada na análise dos processos de incorporação (ou não incorporação) dos indivíduos migrantes (Saint-Maurice, 1997; Brettell, 2000). A influência desta teoria é visível na tendência para a existência de modelos bipolares no âmbito dos estudos sobre as migrações (país de origem/país de acolhimento; aculturação/persistência cultural, cidadãos/não cidadãos, etc.)

- 16 A própria antropologia, a partir do momento em que se interessa pela temática, estuda principalmente a articulação entre o lugar de onde os migrantes são originários e o lugar para onde eles se deslocam, procurando interpretar o impacto das migrações nas comunidades de origem ou revelar as estratégias de adaptação dos migrantes nos contextos de estabelecimento (Kearney, 1986; Brettell, 2000). Esta reconfiguração conceptual, o transnacionalismo, emerge do entendimento de que os migrantes no estrangeiro mantêm os seus laços com as comunidades de origem, fazendo da sociedade de origem e da de acolhimento a mesma arena de acção social (Brettell, 2000, p. 105), permitindo entender as complexas ligações da realidade contemporânea.
- 17 São autores como Roger Rouse (2002 [1991]), Basch, Schiller e Blanc-Szanton (1994), entre outros, que apelam ao uso do paradigma do transnacionalismo para perceber como as práticas e acções dos grupos migrantes transformam, efectivamente, dois locais separados geograficamente através da contínua circulação de pessoas, dinheiro, bens e informação. Estes processos são designados por transnacionalismo para enfatizar o facto de que muitos imigrantes constroem campos sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas (Schiller, Bash, Blanc-Szanton, 1999, p. 7). Estes migrantes são os actores destas relações — familiares, económicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas — que se encontram e estendem para além das fronteiras dos Estados-nação (*idem, ibidem*) e são, por isso, designados transmigrantes.
- 18 Rouse analisa um grupo migrante mexicano nos E.U.A, os *Aguilillans*, através da abordagem do transnacionalismo, de forma a desafiar as imagens espaciais estabelecidas em torno das migrações.

«It has become inadequate to see Aguilillan migration as a movement between distinct communities, understood as a loci of sets of social relations. Today, Aguilillans find that their most important kin and friends are likely to be living hundreds or thousands of miles away as immediately around them. More significantly, they are often able to maintain these spatially extended relations as actively and effectively as the ties that link them to their neighbours. In this regard, growing access to telephone has been particularly significant, allowing people not just to keep in touch periodically but to contribute to decision-making and participate in familial events from considered distance.» (Rouse, 2002 [1991], p. 162).
- 19 A interpretação da ligação entre diversos campos sociais e a comunicação efectiva entre os agentes está intimamente relacionada com o processo de globalização, processo esse que reflecte a crescente interconexão global e a própria reorganização do tempo e espaço. O mundo está hoje a tornar-se cada vez mais interligado, devido à comunicação global, aos avanços tecnológicos, aos meios de transporte de massas, aos complexos sistemas globais de produção e troca, etc., que implicam uma aceleração dos fluxos de capital, pessoas, bens, imagens e ideias pelo mundo, gerando processos complexos e interrelacionais que moldam as experiências espaço-temporais dos indivíduos (Inda e Rosaldo, 2002, p. 9). Os interesses da antropologia são as dimensões humanas deste

processo e procurar entender como indivíduos e comunidades participam nele de forma culturalmente distinta.

- 20 Esta preocupação em teorizar sobre a forma como o espaço e o tempo são representados e experienciados pelas pessoas e comunidades na contemporaneidade não implica um afastamento de análises delimitadas e os estudos de comunidades localizadas implica talvez uma nova reflexão em torno da organização e acção social e da construção das subjectividades pessoais. A perspectiva do transnacionalismo molda a reflexão metodológica em torno deste trabalho de pesquisa de forma a pensar o espaço multidimensional onde transcorrem as vidas destes sujeitos.
- 21 Procurei cartografar as redes e circuitos pessoais destes três indivíduos, que, tal como os restantes transmigrantes, estão envolvidos em engajamentos simultâneos a diversos lugares, por sua vez associados a formas de experiência marcadamente diferentes. Parte das construções de significado sobre a experiência presente operam no interior desta dinâmica processual de diferentes relações e representações espaço-temporais. Estas experiências vivas e fluidas dos transmigrantes permitem desafiar a fusão prévia entre espaço geográfico e identidade social, remetendo para a natureza social do espaço como algo criado e reproduzido pela agência humana colectiva (Rouse, [1991] 2002, p. 159). É também no interior desta complexa rede de relações sociais e movimentos espaço-temporais que os transmigrantes esboçam e criam identidades fluidas e múltiplas ligadas à sua sociedade de origem e à de acolhimento (Schiller, Bash, Blanc-Szanton, 1999, p. 36).
- 22 Mas esta complexificação contemporânea da representação sobre o real não ocorre apenas pelo alargamento dos campos sociais entre fronteiras. As próprias formas de experiência gráfica e imagética do globo moldam distintamente as subjectividades dos actores contemporâneos e o entendimento da sua localidade. Appadurai (1996), por exemplo, fala no novo poder da imaginação no fabrico das vidas sociais. Na óptica deste autor, a imaginação sai do espaço expressivo da arte, do mito ou do ritual para passar a fazer parte da actividade mental quotidiana das pessoas: as imagens, as oportunidades, os textos, os modelos, as narrativas que vêm de alhures e são transportadas pelos veículos dos meios de comunicação de massas, tornando-se uma forma de negociação entre os espaços de acção dos indivíduos e os campos de possibilidade definidos globalmente (Appadurai, 1996, p. 79).
- 23 Os meios de comunicação transformam o campo de mediatização de massas pois oferecem à construção de *eus* imaginados novos recursos e novas disciplinas. Segundo este autor, são estes mesmos fluxos que chegam pelos meios de comunicação de massas (sejam realistas ou ficcionais) a traçar a diferença entre as migrações de hoje e as do passado. Os meios de comunicação de massas tornam possível a grupos começar a imaginar e a sentir novas coisas em conjunto, pelas condições de leitura crítica e prazer colectivos, *gerando novas comunidades de sentimentos* (Appadurai, 1996, p. 84). Devemos então pensar o papel dos *mass media* como veículos de cultura (imagens produzidas, discursos, etc.) e de modos de imaginação e imaginar comunidades, pois é também através do seu uso e consumo que as subjectividades são construídas e as identidades contestadas (Spitulnik, 1993). Produz-se, de certa forma, um efeito dialéctico no qual as percepções dos migrantes sobre si e a sua comunidade são transformadas através do consumo televisivo, do cinema, do vídeo, dos computadores e dos telefonemas (Sargent, Larchance-Kim e Yatera, 2007, p. 260), transformando o discurso quotidiano e permitindo a conexão íntima entre redes sociais distantes.

- 24 São, desta forma, várias as dimensões a ter em conta para pensar a experiência migrante. Podemos perceber como os *mass media* e as tecnologias de comunicação moldam os processos transnacionais e transformam as relações sociais. Ao aceder às dimensões das interações quotidianas dos sujeitos, através da prática etnográfica, foi possível observar o impacto des-sas tecnologias nas suas vidas e nas suas relações familiares. Não tendo inicialmente pensado em trabalhar esta temática, fazê-lo tornou-se, contudo, inevitável.
- 25 A etnografia presencia a evidente interconexão global das relações sociais e sua expansão pelo tempo e espaço, que lançam as pessoas para um intenso e imediato contacto entre si numa distinta ideia de presença, transcendendo fronteiras nacionais e superando as grandes distâncias. Num dia observava conversas entre irmãos localizados em diferentes países, noutra eram-me relatadas notícias sobre situações políticas a decorrer em diferentes países ou presenciava telefonemas de parentes da Guiné-Bissau.
- 26 O acesso aos meios de comunicação, neste caso ao telemóvel, viabiliza a possibilidade do envolvimento contínuo na tomada de decisões no seio das relações familiares e, em alguns casos, nas suas comunidades de origem. Deste modo, a difusão e a eficiência das tecnologias de informação desempenham um papel importante na vida quotidiana dos migrantes e das suas comunidades domésticas, mas carregam os grupos migrantes de obrigações crescentes para com família e amigos da comunidade da qual saíram (Sargent, Larchance-Kim e Yatera, 2007, p. 263).
- 27 A acessibilidade às novas tecnologias de comunicação ocorre nos diversos espaços sociais onde transcorrem as vidas dos transmigrantes. A possibilidade de comunicação constante permite aos familiares e amigos dos migrantes pedirem auxílio de uma forma mais directa e recorrente. As representações sobre o acto migratório encerram noções de maiores possibilidades por parte do indivíduo migrante, criando-lhe maiores constrangimentos sociais face aos restantes elementos do seu grupo social, limitando o seu espaço de acção e campo de possibilidades.
- 28 Os novos transmigrantes são constrangidos pelos pedidos dos seus familiares, pela possibilidade real de auxiliar e fazer face a solicitações, pois inúmeras vezes vivem condicionados pelas exigências práticas dos seus quotidianos. Podemos perceber como o entendimento sobre os papéis e as responsabilidades sociais não são interrompidos pelo acto migratório. Este entendimento é mesmo reforçado, pois através do acesso a diversas formas de comunicação são criadas condições para sustentar as relações através da reciprocidade, exigindo-se constantemente uma resposta.

2. Terreno e Observações

2.1. Uso dos Telemóveis. Entre o Aqui e o Lá

- 29 João, Gastão e N'Duba têm entre os quarenta e os cinquenta anos. Migraram sozinhos para Portugal em finais dos anos noventa e no princípio da década seguinte, e até à data ainda não conseguiram reagrupar a sua família neste território. Os seus laços e relações pessoais permanecem, todavia, muito vinculados à família que vive na Guiné-Bissau. A esposa de Gastão e os três filhos residem em Bissau; Helena, a esposa de N'Duba, vive com a mãe deste, os seus filhos e outros familiares em Cumura, uma localidade da região de Prábis, perto de Bissau. João é o único dos três sujeitos que não é casado. Ele

mantém uma relação muito estreita com os seus irmãos de pai e mãe,² ambos migrados. Estes três irmãos alternam entre si o envio de dinheiro para os restantes familiares, que se espalham entre Dacar, Bissau e a aldeia da qual são originários, na região de S. Domingos, no norte da Guiné. O irmão mais velho, migrado em França desde finais da década de setenta, construiu já uma casa na aldeia natal, e actualmente projectam a construção de uma outra casa, para o irmão mais novo, em Bissau. Durante a pesquisa de terreno pude observar um momento em que estes irmãos comunicavam entre si, observação que transcrevi no diário de campo de forma a fixar estas memórias:

«João e eu conversávamos sentados num banco do Largo S. Domingos, no Rossio. (...) O telemóvel toca e João atende. Fala durante mais de dez minutos. 'Era o meu irmão mais velho, que vive em França'. João faz questão de me relatar parte da conversa que teve com o irmão. Falavam da construção da casa em Bissau do seu irmão mais novo, que vive nos Estados Unidos. João já contribuiu com dinheiro para parte do cimento da obra. Quem se encarregará da empreitada da casa será o irmão mais velho de Gastão. Combinavam os últimos detalhes necessários para o início da construção. João explica que nesse dia irá contactar o outro irmão para conversar sobre o assunto. Aproveito a situação para perguntar como organizam os telefonemas. João explica que não há uma regra, mas que normalmente quem telefona mais vezes são os seus irmãos que estão numa situação financeira melhor, e que ele, justificando-se de certa forma desta desvantagem, telefona inúmeras vezes às suas irmãs e sobrinhos, que vivem uns na Guiné-Bissau, outros no Senegal.»

- 30 Este excerto é paradigmático do que se procura evidenciar da experiência quotidiana dos novos migrantes contemporâneos. João comunica no mesmo dia com os seus dois irmãos, estabelecidos em diferentes países. Esta família constitui-se como uma rede de grupos ligados, distribuídos em diferentes locais, que maximizam as oportunidades económicas, por acrescentos mútuos e deslocamentos múltiplos (Basch, Schiller e Blanc-Szanton, 1994, pp. 28-29). A construção da casa do irmão é um exemplo desta situação.
- 31 Estes três irmãos entreadjudam-se na realização de projectos individuais, nomeadamente na construção de casas. Ghassan Hage (2005) apresenta o conceito de famílias extensas transnacionais: embora espalhados, os seus membros formam comunidades familiares concretas; os sujeitos estão ligados por relações de sustento mútuo e os seus campos de relações constituem-se como um terreno de possível mobilidade social, emocional e psíquica para os seus membros (Hage, 2005, p. 468). João, por exemplo, já esteve oito meses em casa do irmão, em França. Quando decorriam os primeiros tempos da sua experiência migratória, João não conseguiu suportar algumas situações de trabalho a que esteve sujeito e decidiu partir para França, mas retornou devido ao início de um processo de legalização. Esta família transnacional extensa move-se dentro de teias relacionais subordinadas não apenas às oportunidades económicas individuais, mas também ao conjunto de obrigações familiares. A sobrinha mais nova de João, que vive em França, por exemplo, veio passar dois meses de férias a Portugal, no Verão, circulando pela casa de diversos familiares, enquanto o seu outro irmão passou esse mesmo período nos E.U.A.
- 32 A manutenção activa e efectiva das relações com as pessoas que permanecem *atrás*,³ ou mesmo com outras localizadas dentro de outras fronteiras geográficas, é parte essencial da vida destes sujeitos, quer ela seja encarada em termos práticos, como reflecte o telefonema de João, no qual se resolvem assuntos pendentes e se tomam decisões, quer seja encarada numa dimensão afectiva, pois, como me dizia N'Duba, «um homem não pode viver longe dos seus», e os sentimentos e angústias pessoais decorrentes da

distância são compensados por telefonemas frequentes ou cartas em que ambos os comunicadores ficam ao corrente dos acontecimentos mais significativos da experiência pessoal de cada um. N'Duba é dos três informantes o que mais recorrentemente reflectia sobre a sua condição de ausente:

«O que quero saber é como está minha mãe, meus filhos, e como ela está. A Helena diz-me sempre: 'tá tudo bem, tudo bem', mas eu sei que a vida é muito dura lá. Um homem não pode viver assim...»

- 33 Este sujeito dizia-me que muitas vezes nem queria falar com os seus filhos, pedindo à sua esposa que lhe relatasse alguns episódios das suas vidas. N'Duba telefona pelo menos uma vez por semana a Helena. Esta prática permite que reconfigure o espaço de forma a compensar a sua ausência, procurando que a sua experiência presente se vincule aos que lá permanecem através de uma permanente presença ausente, materializada através dos seus telefonemas.
- 34 A comunicação activa com os familiares está muito ligada também ao envio de remessas, uma ligação económica vital entre os principais campos de acção destes indivíduos: o do país de origem e do país de migração. Gastão, por exemplo, posiciona-se como responsável pela manutenção económica da sua unidade doméstica nuclear, constituída pela esposa, pelos filhos e por uma outra sobrinha que a sua esposa recolheu, para dela cuidar. Mas estes indivíduos, em inúmeras situações, são confrontados com uma série de solicitações de outros membros da sua família alargada. A questão que me colocava Gastão é que com o envio mensal de dinheiro, mesmo para sustentar a sua unidade doméstica nuclear, a situação já era muito difícil. «O *belan* são as contas que um tipo deve fazer», contou-me ele – ou seja, a equação quotidiana dos rendimentos, despesas e remessas a enviar à família, uma disposição calculadora que orienta as práticas dos transmigrantes. O *belan* submete-se a diferentes variáveis inscritas em espaços e tempos diversos, como a gestão da estabilidade e instabilidade laboral, as despesas quotidianas, as diferentes necessidades de poupança ou o alojamento, que se entrecruzam com os pedidos de auxílio mais esporádicos, o envio de dinheiro mensal para os familiares mais próximos (como a esposa e os filhos), as épocas de maiores despesas (como o início do calendário escolar), as festas familiares, as cerimónias fúnebres, etc.
- 35 Uma dia Gastão confessa, reflectindo uma certa inquietude, pensar mudar de número de telemóvel, pois certos familiares da sua esposa pediam-lhe dinheiro de uma forma insistente. «Não se consegue ajudar todos ao mesmo tempo. Manda-se dinheiro para um e só depois se pode mandar para outro. (...) Se fosse como aqui... só tens pai, mãe e filhos: mais nada. Não tens que ajudar todos, porque eles nem imaginam o esforço que um gajo anda cá a fazer». A intranquilidade de Gastão reflecte o peso de obrigação filial e a impossibilidade de responder a todas os pedidos. O confronto quotidiano com uma série de solicitações leva-o a questionar a assistência a certos parentes, argumentando em torno da invisibilidade da sua experiência migratória, ou seja, com o facto de os condicionalismos e as dificuldades a que está sujeito não serem visíveis para os que permanecem *atrás*. Confrontam-se, por um lado, a atitude de cálculo necessária no processo migratório de forma a fazer face aos constrangimentos das condições sociais e económicas presentes e, por outro lado, a gestão dos seus sentidos de obrigação filial e do dever de ajudar dentro da esfera familiar, neste caso baseada em noções de família alargada, cujas relações são, muitas vezes, regidas por uma moralidade afastada do domínio do lucro (Schiller e Fouroun, 2001, p. 77).

- 36 O estatuto de sujeito migrante, a dependência das remessas e o imaginário de um outro espaço geográfico como um local de maiores possibilidades são alguns dos factores que transformam as representações locais sobre a experiência migratória, ao mesmo tempo que limitam as práticas de poupança dos transmigrantes para aspirações pessoais, presentes ou futuras, ou mesmo até para suportar as próprias despesas quotidianas.

3. Observando a Construção de uma Comunidade da Experiência

- 37 Durante a pesquisa de terreno tive a oportunidade de participar em alguns convívios e festas. Uma destas festas ocorreu em casa de N'Duba. N'Duba, depois de abandonar o bairro das Marianas, foi viver para a casa de um senhor guineense, realojado num dos bairros camarários de Cascais. A ocasião era uma celebração ritual particular e N'Duba convidara diversos amigos, entre os quais Gastão e João. As pessoas começaram a chegar pelas dez da manhã, mas continuaram a chegar outras de forma muito espaçada no tempo, havendo mesmo algumas que saíam e tornavam a voltar passadas algumas horas.
- 38 Chegaram a estar presentes em casa de N'Duba pelo menos trinta e cinco pessoas. Neste dia, durante a hora do almoço e no princípio da tarde, assistiu-se pela televisão a dois vídeos distintos. Um destes era um vídeo particular de uma festa no bairro das Marianas, e o outro continha gravações de notícias da RTP relativas ao período do conflito político-militar de 1998 na Guiné-Bissau. O consumo de televisão neste dia demonstrou ser um interessante objecto de análise, pois em frente ao aparelho nasceram conversas e teceram-se comentários figurativos das opiniões e mesmo das representações dos diversos sujeitos (Sørensen, 2002). Durante o primeiro vídeo, a atenção dos participantes não era total; algumas conversas surgiam pelo meio, cruzando-se com outro tipo de comentários, mas mesmo assim estes incidiam sobre alguma pessoa que aparecia na gravação: o que fazia nesse momento, se tinha voltado para a Guiné, etc.
- 39 A maioria das pessoas que participavam na festa tinha vivido neste bairro das Marianas. As redes de relacionamento e inter-ajuda dos primeiros tempos, que inúmeras vezes vêm já da sociedade de partida, estenderam-se durante o tempo do processo migratório. Muitos viviam agora espalhados por diferentes bairros camarários, fosse por terem tido direito a realojamento, fosse em virtude das redes de apoio desta comunidade migrante, que disponibilizava quartos entre si, embora muitos outros tivessem sido forçados a procurar casa no mercado de habitação normal.
- 40 Enquanto assistiam a este longo vídeo, algumas das pessoas evocavam com nostalgia o tempo vivido nesse bairro, na maioria dos casos os primeiros tempos da experiência migratória. Naquele momento, este bairro estava a ser lembrado e representado como um lugar de experiências significativas para os sujeitos presentes. Esta observação conjunta de imagens evocava um tempo passado vinculado a um espaço concreto. A vivência num bairro com estas características durante o presente migratório faz parte de um ajustamento às circunstâncias iniciais que é, simultaneamente, diferenciador em relação à população geral e gerador de um certo sentido de experiência partilhada. O reencontro de pessoas conhecidas ou o estabelecimento de novas amizades ajudam a sustentar uma ideia de *comunidade em*

diáspora, que, neste caso, se identifica com a uma trajetória comum, com a ligação a um território, a Guiné-Bissau, e a um presente, o da experiência migratória. Esta comunidade em diáspora é como uma *comunidade de experiência* (Vigh, 2006, p. 20): a experiência partilhada como ponto de referência, posição e história comum, sob as quais se constroem as identidades do grupo migrante (Hall, 1999).

- 41 A exibição do segundo vídeo, sobre o conflito na Guiné-Bissau, gerou uma atenção diferente por parte da audiência. Os silêncios surgiam quando o interlocutor era de maior interesse, alguns dos locais que apareciam na televisão eram reconhecidos, algumas histórias eram narradas e muitos sujeitos localizavam o decorrer da sua experiência pessoal durante este tempo histórico específico. N'Duba, por exemplo, já estava em Portugal. Gastão e João tinham voltado para as suas aldeias, de forma a afastarem-se dos locais de maior conflito.
- 42 Mais uma vez, foram retomados temas como a situação política na Guiné-Bissau, uma conversa por mim muitas vezes presenciada. Esta audiência assiste a imagens de noticiários que representam um conflito muito próximo temporalmente e muito marcante nas trajetórias de vida de cada um e na própria história do seu território nacional. Este acontecimento, vinculado a um lugar, é consumido figurativamente e literalmente, durante o presente migratório, através de um meio visual, a televisão. Os discursos produzidos naquele momento são semantizados em torno da representação da nação, reflectindo os sentidos que esta produz, influenciando a concepção que os sujeitos que assistem às imagens têm de si mesmos, enquanto membros de um Estado-nação específico, com a particularidade de estes discursos estarem a ser produzidos no decorrer dos seus processos de desterritorialização. Mais uma vez, os *media* surgem como veículos da cultura, através da sua produção de imagens, de discursos, de representações, operando também como veículos para a imaginação e o imaginar de diferentes comunidades (Appadurai, 1996).
- 43 João, Gastão e N'Duba são também consumidores activos de telejornais dos canais portugueses, mas particularmente do jornal RTPÁfrica, pois para estes sujeitos é muito importante estar ao corrente dos acontecimentos passados na Guiné-Bissau. E esses factos são muitas vezes discutidos com pares sociais em diáspora, como referi ter assistido. Este consumo informativo parece ser muito importante para própria imaginação do país e para a construção discursiva do seu nacionalismo, mesmo que estas ideias sobre o seu Estado-nação sejam promovidas pela crítica, como pude constatar, reflectindo, desta forma, um sentido de identidade como algo natural e territorial, vinculado sempre a um lugar (Gupta, 1992, p. 63).
- 44 Mas esse consumo informativo não é apenas unidireccional, já que estes indivíduos também tecem frequentemente comentários sobre alguns acontecimentos políticos do contexto português, como a aplicação de certas medidas políticas relativas a questões de imigração ou habitação relacionadas com o processo de luta em que eles estão envolvidos.
- 45 Comentava Gastão um dia uma reportagem sobre bairros sociais que havia visto na televisão. Este indivíduo analisava certas imagens e discursos para representar, negociar e contestar o seu estatuto de migrante: «A comunicação social não diz nada de positivo sobre o que o imigrante faz de bem para o país! Só fala mal, e um gajo a ajudar a construir o país, e o governo a encher os cofres à custa dos imigrantes. Ainda por cima mal se consegue renovar um visto de permanência em Portugal».

- 46 Há uma reutilização do que ele entende serem os significados projectados pelos *media* sobre a categoria de migrante. Esta reutilização de significados é instrumentalizada de forma a produzir um discurso que exprima as dificuldades vividas pelos migrantes, a negação de certos direitos, a burocratização dos processos de legalização, constrangimentos sociais que reflectem as posições subordinadas que eles ocupam dentro da estrutura social. O seu discurso deixa transparecer como o consumo dos *mass media* assume a forma de um processo dinâmico de luta sobre a representação (Spitulnik,1993), onde as subjectividades são construídas e as identidades contestadas.

Conclusão

- 47 A ideia deste artigo foi trabalhar em torno do que o registo etnográfico tornou visível e as leituras teóricas determinaram ser inevitável: o evidente impacto das tecnologias de informação e comunicação na vida dos indivíduos migrantes e nas suas relações familiares, seja pela definição de distância social, pela reorganização dos padrões de interacção, pela viabilidade do envolvimento contínuo na tomada de decisões dentro das famílias ou mesmo no interior das suas comunidades de origem.
- 48 A partir do registo etnográfico, procurei reconstruir a comunicação quotidiana destes sujeitos entre os diversos campos sociais em que decorrem as suas vidas, ilustrando como a comunicação pelo telemóvel ou pelo telefone exige uma resposta e cria condições para sustentar as relações através da reciprocidade.
- 49 No caso destes transmigrantes, através da comunicação corrente, há uma compensação afectiva pelos sentidos de ausência gerados pela experiência migratória. Ao comunicar, eles obtêm informações sobre a família, sobre as suas rotinas e os seus problemas, e tomam decisões sobre diversos assuntos. Podemos mesmo dizer que gerem o seu papel no interior das relações familiares no seio de um espaço transnacional.
- 50 A comunicação de massas e os modos de telecomunicação transcendem fronteiras nacionais, ligando redes domésticas através de grandes distâncias. Mas é esta mesma expansão da comunicação que produz novos constrangimentos sociais aos migrantes, pois carrega estes indivíduos de obrigações crescentes para com a família que permanece *atrás*. O estatuto de sujeito migrante reforça a obrigação de assistir os diversos familiares, pois há da parte destes um entendimento de que a sua vida se processa num espaço geográfico de melhores oportunidades. Os sujeitos migrantes são confrontados com diversos pedidos, neste caso dentro de estruturas familiares alargadas e cujas relações são, muitas vezes, conduzidas pelo dever de solidariedade entre membros do grupo. Há um constrangimento recíproco entre as condições de vida (e a possibilidade de acumulação de capital) dos transmigrantes e a possibilidade de estes accionarem os mecanismos de ajuda sempre que surgem estes pedidos, o que frustra o seu entendimento sobre a experiência migratória e altera a projecção imaginária do desenrolar das suas trajetórias.
- 51 A etnografia cruzou-se com outros momentos em que os *media* servi-ram, durante um contexto festivo, de veículos para a construção e a imaginação de sentidos de comunidade migrante. Enquanto assistiam a certas imagens pela televisão, os indivíduos conversaram, narraram histórias, posicionaram-se face a certos acontecimentos que produziram efeitos reais, mate-riais e simbólicos no decorrer das suas experiências pessoais. É em frente à televisão que se geram estes posicionamentos

discursivos que fluem da subjectividade dos indivíduos. E é também o consumo conjunto destas imagens que produz pontos de identificação e comunhão em torno de discursos sobre a história, sobre o Estado-nação, sobre a experiência migratória, entre outros aspectos, representações estas que ajudam a sustentar e a imaginar um sentido colectivo de *comunidade em diáspora*.

BIBLIOGRAFIA

- Appadurai, A. (1996) *As Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa, Teorema.
- Basch, L., Schiller, N. e Blanc-Szanton, C. (1994) *Nations Unbound, Transnationals Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Australia, Gordon and Breach Publishers.
- Brettell, C. (2000) Theorizing migration in anthropology. The social construction of networks, identities, communities and globalscapes. In: Brettell, C e Hollifield, J. eds. *Migration Theory. Talking across Disciplines*. Londres, Routledge.
- Castles, S. e Miller, M. J. (2003) *The Age of Migration. International Movements in the Modern World*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan.
- Clifford, J. (1994) Diasporas. *Cultural Anthropology*, 9 (3), pp. 302-338.
- Gupta, A. (1992) The song of the nonaligned world: Transnational identities and the reinscription of space in the late capitalism. *Cultural Anthropology*, vol. 7, n.º 1, pp. 63-69.
- Gupta, A. e Ferguson, J. (1992) Beyond culture: Space, identity, and the politics of difference. *Cultural Anthropology*, vol.7, pp. 6-23.
- Hage, G. (2005) A not so multi-sited ethnography of a not so imagined community. *Anthropological Theory*, 5 (4), pp. 463-475.
- Hall, S. (1997) *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Ed.
- Hall, S. (1999) Cultural identity and diaspora. In: Vertovec, S. e Cohen, R. eds. *Migration, Diaspora and Transnationalism*, Celntham, An Elgar Reference Collection, The International Library of Studies on Migration, n.º 9, pp. 299-314.
- Inda, J. X. e Rosaldo, R. (2002) Introduction: A world in motion. In: Inda, J. X. e Rosaldo, R. eds. *Anthropology of Globalization*. Londres, Blackwell, pp. 1-34.
- Kearney, M. (1986) From the invisible hand to visible feet: Anthropological studies of migration and development. *Annual Review of Anthropology*, 15, pp. 331-361.
- Levitt, P. e Schiller, N. ([2004] 2010) Conceptualizar a simultaneidade: Uma visão da sociedade assente no conceito de campo social transnacional. In: Marques, M. M. ed. *Estado-Nação e Migrações Internacionais*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Miller, D. e Slater, D. (2002) Relationships. In: Askew, K. e Wilk, R. R. eds. *The Anthropology of Media: A Reader*. Londres, Blackwell, pp.187-209.
- Mills, M. B. (1997) Contesting the margins of modernity: Women, migration, and consumption in Thailand. *American Ethnologist*, vol. 24, n.º 1, pp. 37-61.

- Peters, J. D. (1997) Seeing bifocally: Media, place and culture. In: Gupta, A. e Ferguson, J. eds. *Culture, Power, Place. Explorations in Critical Anthropology*. Durham e London, Duke University Press.
- Portes, A.; Escobar, C. e Radford, A. W. ([2007] 2010) Organizações transnacionais de imigrantes e desenvolvimento: Um estudo comparativo. In: Marques, M. M. ed. *Estado-Nação e Migrações Internacionais*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Rouse, R. ([1991] 2002) Mexican migration and the social space of postmodernism. In: Inda, J. X e Rosaldo, R. eds. *Anthropology of Globalization*. Londres, Blackwell, pp. 157-171.
- Saint-Maurice, A. de (1997) *Identidades Reconstruídas*. Cabo-verdianos em Portugal. Oeiras, Celta.
- Sargent, C.; Larchance-Kim, S. e Yatera, S. (2007) Migração e telecomunicações: Tecnologias e famílias transnacionais na França e África Ocidental. *Cadernos Pagu*, n.º 29, pp. 257-284.
- Schiller N. e Fouroun, G. (2001) *George Woke Up Laughing. Long-Distance Nationalism And The Search for Home*. Durham e Londres, Duke University Press.
- Spitulnik, D. (1993) Anthropology and mass media. *Annual Review of Anthropology*, vol. 22, pp. 293-315.
- Sørensen, N. N. (2002) Narrating identity across Dominican worlds. In: Smith, M. P. e Guarnizo, L. E. eds. *Transnationalism from Below*, vol. 6, Transaction Publishers.
- Vigh, H. (2006) *Navigational Terrains of War*. Youth and Soldiering in Guinea-Bissau. Nova Iorque, Berghahn Books.

NOTAS

1. Esta pesquisa foi realizada no âmbito da minha dissertação de mestrado apresentada ao ISCTE, intitulada "*Si cannua kan'kadja nonna tchiga*". *Trajectórias, Experiências e Narrativas Pessoais no Presente Migratório*.
2. As estruturas familiares destes sujeitos são de famílias alargadas patrilineares. Os seus pais praticaram a poligamia, neste caso com duas esposas, o que significa que estes sujeitos têm diversos irmãos apenas de pai.
3. Os sujeitos usavam recorrentemente as expressões «atrás» e «segurar atrás» para se referirem aos familiares que permaneciam na Guiné-Bissau.

RESUMOS

A proposta deste artigo baseia-se numa pesquisa de terreno em torno da experiência migratória de três homens guineenses. Estes sujeitos ainda não conseguiram reagrupar a sua família em Portugal e a manutenção activa e efectiva das relações familiares é parte essencial da estruturação quotidiana das suas vidas. O uso do telemóvel é central na manutenção destas relações pessoais. Através de exemplos da prática etnográfica, procurei perceber como o uso das tecnologias de comunicação móvel altera os padrões de interacção destas famílias, definindo o espaço das suas relações sociais como um espaço transnacional.

The idea of this article is based on a field research that analyzed the migratory experience of three men from Guinea-Bissau. These individuals still didn't managed to regroup their families in Portugal. The active and effective maintenance of their family relations is an essential part of their everyday lives. The use of the mobile phone is central to maintain these relationships. Through examples of ethnographic practice, I tried to understand how the use of a mobile communication technologies changes the patterns of interaction of these families, setting the space of social relations as a transnational space.

ÍNDICE

Keywords: Guinean-Bissau migrants, transnationalism, mobile phone, communication, social relations

Palavras-chave: migrantes guineenses, transnacionalismo, telemóvel, comunicação, relações sociais

AUTOR

TERESA CARVALHO COSTA

Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa
tercosta@yahoo.com